O GLOBO
Publicado em 02/08/2022 - 05:57

EUA matam sucessor de Bin Laden na al-Qaeda

ATAQUE NO AFEGANISTÃO

EUA matam líder da al-Qaeda Ayman al-Zawahiri, anuncia Biden

ANA ROSA ALVES
ana.rosa@infoglobo.com.br

JIM WATSON / AFP

Os EUA mataram Ayman al-Zawahiri, líder da Al-Qaeda, em um ataque de drone no fim de semana em Cabul, anunciou o presidente Joe Biden, na noite de ontem, em um pronunciamento à nação. O médico egípcio, por décadas um dos terroristas mais procurados do planeta, é acusado de ser um dos cérebros dos ataques do 11 de Setembro de 2001, ao lado de Osama bin Laden.

Al-Zawahiri, que assumiu o comando do grupo após a morte de Bin Laden há 11 anos, estava em um movimentado bairro residencial da capital afegã. Segundo o presidente, que falou por cerca de sete minutos, o líder terrorista era "um dos maiores responsáveis pelos ataques que mataram 2.977 pessoas em solo americano" e o "cérebro" por trás de uma série de outras operações contra cidadãos dos EUA:

— A justiça foi feita, e esse líder terrorista já era. Não importa quanto tempo leve, não importa onde você está, se você é uma ameaça para o nosso povo, os EUA vão te encontrar e te derrubar. — disse Biden, que falou de uma das varandas da Casa Branca, a céu aberto, após ser diagnosticado com Covid-19.

Segundo Biden, o aval para a operação foi dado há uma semana, após uma série de reuniões com representantes da Segurança Nacional. A família de al-Zawahiri havia sido localizada em Cabul no início deste ano pela Inteligência americana, que levou meses para confirmar que ele também estava lá. Dois mísseis do tipo Hellfire, de alta precisão, foram lançados quando havia menor risco para os civis, incluindo os parentes do terrorista, que não ficaram feridos.

— Escutem-me agora: nós sempre permaneceremos vigilantes, sempre agiremos e sempre faremos o que for necessário para garantir a segurança dos americanos em casa e no mundo — afirmou Biden.

O ataque de sábado foi o primeiro em solo afegão desde a caótica saída dos militares americanos do país da Ásia Central, que completará um ano neste mês. A retirada pôs fim às duas décadas da guerra mais longa da História americana, que começou em outubro de 2001, nas semanas seguintes ao pior ataque terrorista em solo americano.

O governo do então presidente George W. Bush (2001-2009) acusava o Talibã, à época à frente do Afeganistão, de abrigar Bin Laden, que só seria morto em 2011 no Paquistão.

HISTÓRIA SE REPETE

As duas décadas da guerra trilionária, contudo, terminaram com o retorno do mesmo Talibã ao poder, em agosto do ano passado, após uma ofensiva relâmpago. A situação atraiu grandes críticas para Biden, na época com seis meses de mandato — danos que a bem-sucedida operação do último fim de semana deve ao menos mitigar em um momento conturbado para os democratas, que devem perder o controle de ao menos uma das Casas do Congresso nas eleições parlamentares de novembro.

No ano passado, durante a retirada, fontes da Casa Branca afirmaram que os EUA manteriam a capacidade para ataques "além do horizonte" — ou seja, de fora do território afegão — contra forças terroristas no país. A viabilidade disso era questionada por céticos, mas Biden afirmou que o sucesso da operação de sábado provou que estava correto:

> *"Não importa quanto tempo leve. Se você é uma ameaça ao nosso povo, os EUA vão te derrubar"*
>
> *"Prometi para o povo americano que continuaríamos a fazer operações antiterrorismo no Afeganistão e além. E fizemos justamente isso"*
>
> **Joe Biden,** presidente dos EUA

— Quando terminei nossa missão militar no Afeganistão há quase um ano, tomei a decisão de que, após 20 anos de guerra, os EUA não precisavam mais de botas no Afeganistão para proteger os EUA de terroristas que nos desejam fazer mal — disse o democrata. — Prometi para o povo americano que continuaríamos a fazer operações antiterrorismo no Afeganistão e além. E fizemos justamente isso.

Ao New York Times, fontes do governo afirmaram que os dois mísseis foram disparados contra o líder terrorista enquanto estava na varanda de uma casa em Sherpur, uma zona residencial nobre em Cabul, às 6h18 de domingo (10h48 de sábado no Brasil). Ao mesmo jornal, um analista disse que a residência pertencia a Sirajuddin Haqqani, um funcionário do governo afegão que é próximo da al-Qaeda.

HAMID MIR

Respiro. Presidente Joe Biden durante discurso: êxito em ação traz algum alívio a governo

'Cérebro'. Al-Zawahiri era acusado de planejar os ataques do 11 de Setembro ao lado de Osama Bin Laden

Os americanos afirmam que o Talibã tinha conhecimento da localização de al-Zawahiri e agia para protegê-lo. Isso violaria o acordo firmado entre os EUA e o grupo fundamentalista em 2020, que pavimentou o caminho para a retirada americana, em que o grupo se comprometeu a romper com redes terroristas internacionais e proibir o uso do Afeganistão como base para ataques de grupos como a al-Qaeda.

Uma declaração do regime afegão condenou a operação, afirmando que sua própria investigação concluiu se tratar de um ataque de drones. O Talibã disse "condenar veementemente" a operação dos EUA, afirmando se tratar de uma "violação clara dos princípios internacionais" e do acordo firmado em 2020.

"Tais ações repetem as experiências fracassadas dos últimos 20 anos e vão na contramão dos interesses dos EUA, do Afeganistão e da região", disse em nota Zabihullah Mujahid, porta-voz dos talibãs.

Al-Zawahiri foi médico pessoal e braço direito de Bin Laden, mesmo que não tenha conseguido a mesma notoriedade. Ele era um rosto proeminente nos vídeos da al-Qaeda que profetizavam contra o Ocidente e cuja intensidade aumentou desde o retorno do Talibã ao poder. Segundo analistas, ele teve um papel-chave para que o grupo se tornasse uma organização poderosa e letal nos anos 2000, por suas habilidades intelectuais e também por sua organização.

Em 1981, o egípcio já havia sido condenado por conspirar para o assassinato do então presidente egípcio Anwar el-Sadat — anos depois, fundiu sua organização, a Jihad Islâmica Egípcia com o grupo de Bin Laden, aumentando seu alcance. Ele também é apontado como um dos responsáveis pelos ataques às embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia, em 1998, que sinalizaram que o grupo terrorista ganhava força.

O paradeiro de al-Zawahiri era havia anos uma incógnita, mas os indícios indicavam que ele se mudou para o Afeganistão em 2022, após anos no Paquistão. O fato de ele conseguir transitar entre os dois países é um sinal do quanto as duas décadas de guerra não conseguiram causar mudanças profundas nas instituições do Afeganistão, um dos países mais pobres do planeta.

Segundo a Inteligência americana, seu retorno a Cabul levanta dúvidas sobre a penetração da al-Qaeda no país da Ásia Central após a saída das forças ocidentais. O fato de ter sido morto em uma área residencial indica que os terroristas conseguem circular com alguma facilidade pelo território afegão.

Espera-se, contudo, que sua morte não tenha grande impacto prático nas operações do grupo jihadista:

— Al-Zawahiri era muito mais importante estratégica que taticamente para a al-Qaeda — disse ao New York Times Colin Clarke, analista de contraterrorismo do Grupo Soufan, uma firma de consultoria. — Ele liderou o grupo por épocas turbulentas, incluindo a Primavera Árabe e a ascensão do Estado Islâmico. Manteve a organização viva e suas afiliadas ainda recebiam diretrizes estratégicas, mesmo que ao longo do tempo tenham se tornado mais autônomas e respondessem a eventos locais e regionais, em vez de globais.

Ainda assim, a morte de um dos últimos fundadores vivos do grupo terrorista deve desatar uma disputa interna pelo trono, especialmente diante da fragmentação vista na última década.

ANÁLISE

Enfraquecido, grupo sofre duro golpe com morte de líder terrorista

GUGA CHACRA
guga.chacra@globo.com
NOVA IORQUE

O terrorismo jihadista deixou de ser uma ameaça global já faz alguns anos. Basta observar como os atentados se tornaram mais raros. O combate à al-Qaeda e ao Estado Islâmico não são prioridade da política externa americana. Estão enfraquecidos e, na prática, foram derrotados. Os Estados Unidos possuem uma preocupação muito maior com a Rússia e a China.

Ainda assim, a ação americana para matar com um drone Ayman al-Zawahiri tem um simbolismo gigantesco. Afinal, é o líder da al-Qaeda desde a morte de Osama bin Laden. Mais do que isso, foi o braço direito do saudita desde os anos 1990. É acusado de envolvimento nos atentados contra as embaixadas americanas na África, no atentado contra o cruzador USS Cole no Iêmen e também no 11 de Setembro de 2001.

Joe Biden deve vender como uma grande vitória essa ação, assim como Barack Obama, quando ordenou o ataque contra Osama bin Laden, e como Donald Trump, que deu a ordem para a ação que matou o líder do Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi. Além disso, a operação ocorre mesmo depois da retirada dos EUA do Afeganistão, provando ser possível manter os canais de inteligência mesmo sem presença das tropas. A morte de al-Zawahiri terá um impacto muito mais simbólico do que prático, já que a força dele é uma fração da que desfrutava Bin Laden duas décadas atrás.

A al-Qaeda de hoje é bem diferente da de 20 anos atrás. Não desfruta da mesma capacidade de realizar atentados de larga escala no Ocidente e outras partes do mundo. Pulverizada, adota agenda mais local e menos global em lugares como a Síria, a Somália, o Iêmen e mesmo o Afeganistão. Ao longo da última década, foi ofuscada pelo Estado Islâmico, que tem origem na al-Qaeda do Iraque, mas depois rompeu com a rede de Bin Laden.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Pagina:** 18

Copyright © Clipclap 2025.